

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17090 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO: FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA DOCENTE DE EGRESSAS EM UM PPGE

Raimunda Gomes da Silva - Universidade Estadual de Roraima

Douglas Rafael Cavalcante da Silva - PPGE- UERR/IFRR- Universidade Estadual de Roraima

Eduarda Pereira Cardoso - PPGE- UERR/IFRR- Universidade Estadual de Roraima

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO: FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA DOCENTE DE EGRESSAS EM UM PPGE

RESUMO: O artigo em tela está vinculado a uma pesquisa em andamento com docentes que trabalham com gênero em Programas de Pós-graduação em Educação no Norte do Brasil. Neste estudo, revisita egressas de um dos programas de Pós-graduação em Educação (PPGE) na cidade de Boa Vista, cujo objetivo é investigar a formação de duas professoras egressas referente ao tema de gênero e como elas lidam com estas questões em sala de aula. Foram selecionadas duas entrevistas, frutos de uma pesquisa realizada em 2023. As professoras entrevistadas são egressas do mesmo PPGE e trabalham na Educação Infantil do município de Boa Vista. Quanto à metodologia, foi utilizada a história oral em forma de trajetória numa abordagem de gênero. As narrativas demonstram que a inserção da temática na sala de aula do PPGE ocorreu de forma pontual e quanto a recepção das egressas com a temática, a primeira não é flexível à abordagem de gênero, pode-se dizer que falta compreensão do assunto e a segunda suscita mais abertura para discutir o assunto, consegue tratar da temática no cotidiano da sala de aula, quando provocada pela turma sobre a questão, ela se posiciona com orientação à desconstrução de preconceito de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Formação Docente. PPGE. Egressas. Representação.

INTRODUÇÃO: O contexto em estudo situa-se na cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima, localizada no extremo norte do país, na tríplice fronteira Brasil ao sul, Guiana a leste e Venezuela ao norte e a oeste. Além desta especificidade, a população é formada por vários povos indígenas, migrantes de diferentes federações brasileiras e dos países vizinhos, com destaques de venezuelanos(as). Contexto que nos últimos dez anos tem ampliado o número de alunos(as) migrantes nas escolas e, de forma direta ou indireta, têm exigido iniciativa do estado como políticas de acolhimentos, assim como formação continuada que contribua com outras práticas pedagógicas envolvendo questões de migração, étnico-raciais e de gênero. Desafios que acredita serem enfrentados tanto na graduação quanto na pós-graduação. Tal cenário, numa visão intercultural, configura um laboratório de diversidade social e cultural.

Espaço rico em diversidade, porém, também foi afetado pelas tensões e retrocessos de direitos, principalmente no que diz respeito às diferenças. Candau (2020, p. 679) fala deste momento com muita sensibilidade:

[...] passamos a viver um contexto de forte questionamento aos avanços conquistados e de uma concepção de educação que afirma que os processos educativos devem estar centrados exclusivamente nos chamados conteúdos curriculares, defendendo uma neutralidade epistemológica e uma escola sem partido, reforçando o que se afirma ser uma perspectiva técnica da educação.

Pode-se dizer que antes de consolidar mudanças e formação mais consistente aos(as) profissionais da educação numa perspectiva democrática, conforme a Constituição brasileira de 1988 que garantiu a pluralidade da comunidade escolar. Pois foi a partir dela que “(...) tivemos importante conquista na universalização do ensino fundamental, processo que trouxe impacto na matrícula do ensino médio e no acesso ao ensino superior via sistema de cotas aprovados pelas universidades e validados pelo jurídico” (Seffner, 2023, p. 29), envolvendo tensões e lutas por garantia de direitos, as reações conservadoras brasileiras reagiram, criaram pressão e, de forma direta ou indireta contribuíram para mudar o sentido da Educação. Diante deste cenário de tensão, este artigo investiga a narrativa de duas egressas no sentido de verificar como as questões de gênero têm sido discutidas no PPGE em estudo e como estas lidam na sala de aula.

METODOLOGIA: A principal metodologia deste trabalho é a história oral numa abordagem de gênero por meio de entrevistas semiestruturadas em forma de trajetórias referente à formação docente na ótica de gênero e sobre a prática docente. Tal documentação faz parte da pesquisa em andamento, vinculada a um projeto de investigação da orientadora. Quanto ao critério de seleção, foram entrevistadas professoras, pedagogas, egressas do mesmo programa de Educação e docentes do município de Boa Vista. Sendo uma maranhense e uma gaúcha com idades de 44 e 50 anos, no trabalho as professoras serão apresentadas pelo nome de Tatiane e Julia. Toda a leitura das narrativas segue a ótica de gênero segundo a categoria de análise de Joan Scott, vista enquanto uma categoria de análise histórica. As trajetórias das docentes em estudo dialogam com a memória “não como um depósito passivo de fatos, mas como um processo ativo de criação de significações” (Portelli, 1997, p. 33). Compreende-se que a memória é seletiva, constitui-se de enquadramento e envolve silêncios, esquecimentos (Polak, 1989). Conforme o autor, “a memória sofre flutuações que são função do momento em que é articulada, em que está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. [...] é um fenômeno construído social e individualmente” (Pollak, 1992, p. 4). Desse modo, compreende-se que os relatos de uma pessoa fazem parte também das inquietações do seu tempo. Assim como os códigos e representações de gênero são aprendidos desde cedo no espaço familiar, na escola e hoje, com a diversidade de rede e meios de comunicação, também pode ser um lugar de aprendizagem que nem sempre são favoráveis a uma educação com igualdade de gênero. Discussão e análise dos resultados: as docentes em estudo são professoras da Educação Infantil, com mestrado acadêmico em educação do mesmo programa, que tem como principal área a educação intercultural. Considerando a amplitude da temática, como gênero fez parte dos estudos destas e como lidam com a temática em sala de aula. Para tanto, compreendem que identidade docente e de gênero são construções históricas, pois, ser mulher e ser professora estão interligadas e que “gênero vai além das diferenças entre os sexos, assim como são configurados nas instituições, nas estruturas, nas práticas cotidianas, ou seja, tudo que envolve as relações sociais de determinada cultura, tempo e espaço” (Scott, 1996). Desse modo, revisitar as trajetórias das docentes auxilia compreender o processo de historicidade de suas experiências como mulher e docente de educação infantil. Suas seleções de falas

carregam marcadores de gênero aprendidos, emoções, silêncios e tensões fazem parte dos desafios da docência contemporânea. Foram adotados nomes fictícios a fim de garantir o seu anonimato.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS: Abrindo alas para as docentes — o Programa propiciou um debate de gênero e as respostas das duas docentes foram:

A Docente Júlia, relata:

Na minha concepção, eu só enxergo dois tipos de gênero, o gênero masculino e o gênero feminino. Então, quando essa discussão foi levantada no curso, no mestrado, eu tratei de forma acadêmica mesmo, eu tinha que falar, segundo o autor tal, eu trouxe, eu explanei o capítulo; mas não é algo que eu levo pra mim, pra minha vida, e não é algo que eu compreendo, aceito, e reverbero, converso, explico pras pessoas não. É um assunto que eu tratei naquele momento e foi pontual.

E para a Docente Tatiane, afirma que:

Com certeza. [...] durante as aulas e durante os trabalhos que a gente fazia, e isso, me deu condições pro campo de trabalho, porque quando a gente vai trabalhar como professor, principalmente eu que hoje, que estou no município, me trouxe conhecimentos né, da área que pudessem favorecer mediar dia a dia no trabalho.

As narrativas das docentes demonstram que o tema gênero foi discutido em algumas atividades acadêmicas, porém, não foi apropriado enquanto um assunto central da formação docente. A não compreensão das questões de gênero naturaliza comportamentos padronizados e exclui aqueles(as) que não se enquadram nos modelos normativos.

Sobre as questões de gênero em sala de aula, a docente Julia relata: “Não trabalho com gênero, não nessa perspectiva progressista. Eu quando trabalho com gênero, eu falo do cuidado que nós devemos ter, meninos e meninas, cada um com seu corpo, cada um”. Em outra situação, ela demonstra preocupação e acolhimento com as crianças que vivem em um lar com violência contra a mulher ou que abusam das crianças:

[...] muitas crianças são abusadas, a gente sabe de histórias, muitos meninos contam que o pai bateu na mãe né? Então a gente tenta intervir, conversando com as crianças assim, mas de falar que existe vários gêneros. Não falo nada disso.

Ao mesmo tempo que acolhe as crianças que vivem em situação de insegurança, afirma que assunto relacionado ao conhecimento do corpo é responsabilidade da família. “Há vamos, a gente precisa conhecer o corpo, não, nada disso! A gente não ínsita nada disso. Na minha compreensão, esse é um tratamento que a família que tem que dar”. Embora tenha conhecimento sobre a insegurança de algumas crianças, cabe à família tratar das questões de gênero e conhecimento do corpo.

Distanciamento ou falta de compreensão do assunto? Candau (2020) argumenta que o retrocesso no campo da educação afirma que, neste contexto:

[...] as questões de gênero, sexualidade, relações étnico-raciais, homofobia, racismo etc. não devem estar presentes nos contextos educativos e devem ser denunciados os professores e as professoras que as abordam (Candau, 2020, p. 679).

Contexto de tensão que supõe ser uma das razões do pavor de docentes, principalmente para quem ainda não tem uma formação da abordagem de gênero para tratar do assunto. Entretanto, mesmo com o período mais tenso de reações conservadoras, pesquisadores(as), docentes e ativistas continuaram:

(...) “promovendo muitas ações e iniciativas que visibilizam as diferenças presentes na nossa sociedade de caráter étnico-racial, gênero, orientação sexual, religiosas, etc., lutam para que não sejam transformadas em desigualdades, contra preconceitos e discriminações e pelo seu reconhecimento e afirmação.”

Desse modo, pode-se dizer se por um lado, o movimento conservador tem tentado desviar o sentido da educação, principalmente durante o governo Bolsonaro, por outro lado, a luta por uma educação democrática, plural com respeito e reconhecimento das diferenças, perspectiva que atualmente anuncia outras possibilidades.

Retomando as narrativas de experiência, a Docente Tatiane relata:

(Quando) eu vou usar lápis de cor, giz de cera, tinta guaxe, papel crepom, qualquer atividade que eu vou fazer com eles de coordenação motora, assim, relacionada às mãos, é, eu percebo eles não querendo rosa, não querendo laranja, não querendo o vermelho. Eles querem azul, verde, marrom, preto, gostam muito assim, eles dizem muito claramente: - rosa é para menina!

Em outra situação, demonstra em seu dia a dia como ela vai desconstruindo marcadores de gênero e oportunizando às crianças brincarem livres de atribuição sexista:

Ai eu começo a introduzir que eles podem sim, utilizar o lápis de cor de rosa, não vai ser flor azul, só flor azul. Tem flores azuis? Tem flores azuis, mas a gente tem aí flores de todas as cores e por que não usar todas as cores? [...] eu fiquei quatro meses sem professor de educação física [...] E eu muitas vezes levava pra jogar bola, pra brincar de corda, sempre todos juntos, não tinha esse negócio que as bolas eram pros meninos, ou a bola sabe? a corda é só para as meninas, não! Todos juntos, bola, corda, brincadeira de roda, todos os meninos participaram, porque eu tenho consciência tranquila que não proporcionei atividades que separasse, como também nesse sentido, no momento das brincadeiras e dos jogos que eu fazia com eles em pátio, não via restrição também.

Observa que a Tatiane trata da questão no cotidiano da sala de aula por meio de atividades, posicionamento e brincadeiras que favorecem uma educação com igualdade de gênero.

CONCLUSÃO: Revisitando as narrativas das professoras, pode-se perceber que as questões de gênero fluíram alguns debates no contexto do Programa, de forma interdisciplinar ou por meio de seminários. Contudo, não é um tema central de formação no referido programa. Também se verificou que a forma como foi recepcionada a temática em estudo pelas egressas, fluiu na prática pedagógica. Por um lado, a visão de gênero adotado por uma professora suscita perceptiva de masculinidades e feminilidades heteronormativas, não reconhecendo a diversidade de gênero e sexualidade. Por outro lado, as professoras, apresentam indícios de práticas com igualdade de gênero à medida que os(as) alunos(as) a desafiavam a professora adotava uma postura educativa, estimulando-os(as) a refletirem sobre os preconceitos de gênero e encorajando-os(as) a repensarem marcadores de gênero que excluem ou negam igualdade de oportunidade entre meninas e meninos. Concordo com

Seffner – “Não será possível uma educação de qualidade se ela não incorporar as questões de gênero e sexualidade como tema que acompanha toda a trajetória escolar” (Seffner, 2023, p. 30). Pode-se dizer uma educação que também possibilite reflexões interculturais, ou seja, uma educação com equidade.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Espaço do Currículo** (online), João Pessoa, v.13, n. Especial, p. 678-686, dez., 2020.

JULIA. **Entrevista**. Boa Vista, outubro de 2023.

POLLAK. Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol, 5, nº10 CPDOC-FGV, 1992.

POLLAK. Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 2, nº 3, CPDOC-FGV, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentando um pouquinho. Algumas reflexões sobre a história na história oral. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação História e do Departamento de História – PUC-SP. São Paulo: PUC,N.15, 13-33.

SCOTT. Joan. **Gênero: uma categoria de análise histórica**. 3. ed. Recife: SOS CORPO, 1996.

SEFFNER, Fernando. Educação democracia: equilíbrio entre acesso, inclusão e marcadores sociais da diferença. In: CARVALHO, Eulina Pessoa de; MATA, ÁREA Augusta Rodrigues da; CARVALHO, Flavio José de. **Educação, direitos humanos, gênero e sexualidade: inclui muitas vozes**. Editora CRV, Curitiba, 1923.

TATIANE. **Entrevista**. Boa Vista, outubro de 2023.